II EDIÇÃO PROJETO MULHERES NEGRAS E SUAS JORNADAS

MULHERES NEGRAS E SUAS JORNADAS

ORG
LUCIANE RIBEIRO DIAS GONÇALVES
MARCELO VITOR RODRIGUES NOGUEIRA
MARIA APARECIDA AUGUSTO SATTOVILELA

MULHERES NEGRAS E SUAS JORNADAS

Organização

Luciane Ribeiro Dias Gonçalves
Marcelo Vitor Rodrigues Nogueira
Maria Aparecida Augusto Satto Vilela

EDITORA BAOBÁ

Marcelo Vitor Rodrigues Nogueira
Editor Chefe

Fabiano Nogueira do Nascimento
Editor Assistente

Luciane Ribeiro Dias Gonçalves
Diretora Pedagógica

CONSELHO EDITORIAL

Lara Luíza Silva Gomes Franco (SRE - PARACATU)
Luiz Gustavo de Souza Araújo (ONG VÂNIA LAFIT)
Maria Aparecida Augusto Satto Vilela (UFU)
Marivânia Xavier Cavalcanti Costa (SMEEL)
Nicola Fratari (UNICAMP)
Rafaela Rodrigues Nogueira (SMEEL)

EDITORA BAOBÁ

MULHERES NEGRAS E SUAS JORNADAS

Segunda Edição

Projeto Mulheres Negras e suas Jornadas

"Este projeto contou com fomento da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Proexc) e a Pró-reitoria de Assistência Estudantil (Proae) da Universidade Federal de Uberlândia, por meio do Programa de Ocupação Graça do Aché ."

2023

Copyright 2023 © Marcelo Vitor Rodrigues Nogueira; Maria Aparecida Augusto Satto Vilela; Luciane Ribeiro Dias Gonçalves, 2023.

Todos os direitos autorais são protegidos pela Lei nº 9.610/98.

Editor da Publicação: Marcelo Vitor Rodrigues Nogueira.
Projeto Gráfico: Marcelo Vitor Rodrigues Nogueira e Fabiano Nogueira do Nascimento.
Fotografia: Duda Beatz.
Revisão e diagramação: Editora BAOBÁ.
Colaboradores (organização): Fabiano Nogueira do Nascimento; Herlan de Oliveira Matildes.
Conselho editorial: Lara Luíza Silva Gomes Franco (SRE - PARACATU); Luiz Gustavo de Souza Araújo (ONG VÂNIA LAFIT); Maria Aparecida Augusto Satto Vilela (UFU); Marivânia Xavier Cavalcanti Costa (SMEEL); Nicola Fratari (UNICAMP); Rafaela Rodrigues Nogueira (SMEEL).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mulheres negras e suas jornadas [livro eletrônico] / organização Luciane Ribeiro Dias Gonçalves, Marcelo Vitor Rodrigues Nogueira, Maria Aparecida Augusto Satto Vilela. -- 1. ed. -- Ituiutaba, MG : Editora Baoba, 2023. -- ((Afro) diálogos)
PDF.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-998027-5-1
DOI 10.29327-5165204

1. Discriminação racial 2. Ituiutaba (MG) - Aspectos sociais 3. Mulheres negras - Aspectos culturais 4. Mulheres negras - Condições sociais 5. Mulheres negras - Identidade racial 6. Relações étnico-raciais I. Gonçalves, Luciane Ribeiro Dias. II. Nogueira, Marcelo Vitor Rodrigues. III. Vilela, Maria Aparecida Augusto Satto. IV. Série.

23-143610 CDD-305.42

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres negras : Aspectos sociais : Sociologia 305.42

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Editora BAOBÁ
CNPJ nº : 45.970.439/0001-85
Rua: Das Margaridas, 226. Residencial Cidade Jardim-Ituiutaba-MG, CEP: 38307-843.
Cel./Whatsapp: 34 99635-4890
editorabaobapontal@gmail.com
www.associacaobaoba.com/editorabaoba

OLÁ

EDIÇÃO 1ª

SUMÁRIO

Mulheres Negras na Cultura .....
Mulheres Negras na Religião de Matriz Africana .....
Mulheres Negras LGBTQIA+ .....
Mulhers Negras +50 .....
Mulheres Negras na Educação .....
Mulheres Negras Afroempreendedoras .....
Mulheres Negras Fazem o Movimento Social .....

A opressão, o racismo e o sexismo são adversários comuns das mulheres negras na sociedade. Resguardadas a um lugar de subalternização, o lugar de fala desse grupo, por muitos anos simplesmente não existiu. Pensando nisso, a partir de um breve retrospecto, o movimento feminista brasileiro, se insere no debate durante o período da ditadura civil-militar, encontrando um terreno hostil e perigoso, até dentro de suas próprias alianças. Contudo, já haviam movimentações de mulheres em torno de pautas envolvendo as relações de gênero, ou seja, haviam diversos feminismos, baseados em análises do patriarcado e da sociedade como um todo. Nesse contexto, se desenvolveram correntes que se articulavam de acordo com seus entendimentos sobre a sociedade e o funcionamento da opressão, como o feminismo liberal, o feminismo radical e a vertente que vamos utilizar para a construção desse trabalho que é o feminismo negro. (CALIXTO, 2021, p. 08).

INTRODUÇÃO

O livro Mulheres Negras e sua Jornadas abre a Coletânea (Afro) diálogos. Uma coletânea essencial para quem estuda educação para as relações étnico-raciais. Subdivide-se em três volumes, trazendo em seu primeiro volume as trajetórias de Mulheres Negras da Cidade de Ituiutaba-MG, no segundo as vivências de alunos negros do Ensino Médio, e em sua terceira e última edição apresenta os desdobramentos de ações realizadas pelos alunos bolsistas do Projeto Afrocientista.

O desenvolvimento desta proposta ocorreu por meio da parceria entre a Associação BAOBÁ e ONG VÃNIA LAFIT, com a Universidade Federal de Uberlândia por meio dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABi PONTAL) e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação para as Relações Étnico-raciais e Ações Afirmativas (NEPERE).

O material deste livro apresenta a Segunda Edição do Projeto Mulheres Negras e sua Jornadas, uma parceria realizada pela Associação BAOBÁ representada pelo presidente Marcelo Nogueira em parceria com a UFU, coordenado pela professora Dra. Maria Aparecida Augusto Satto Vilela, aprovado com financiamento no EDITAL PROEXC N° 06/2022. PROGRAMA DE OCUPAÇÃO DO CENTRO DE MEMÓRIA DA CULTURA NEGRA GRAÇA DO ACHÉ 2022.

A realização desta proposta busca refletir a sociedade brasileira e as marcas da invisibilidade da mulher em geral, acentuando-se às mulheres negras, cisgênero e transexuais. O movimento de mulheres, conhecido como movimento feminista, surge no século XIX com a luta pela educação feminina, direito de voto e abolição da escravatura. Atualmente, existem várias organizações feminista no Brasil que defendem a equiparação do direito das mulheres ao dos homens. O movimento feminista das mulheres citadas acima, no estado de Minas Gerais, encontra-se organizado em grupos e coletivos que anseiam pela proliferação de seus debates, e que em suma estão imersos na invisibilidade. O Projeto Mulheres Negras e suas Jornadas, busca dar visibilidade às mulheres negras, cisgênero e transexuais, de Ituiutaba-MG, com enfoque em suas trajetórias e atuação nos movimentos sociais.

O projeto buscou o entrelace entre a comunidade externa e interna, estabelecendo um diálogo entre discentes, docentes e técnicos das diversas graduações da UFU, os quais estiveram envolvidos nas atividades que propiciaram o enriquecimento de suas formações, principalmente na relação com ao movimento de mulheres negras no Brasil, contribuindo no combate ao racismo.

A construção deste livro busca a promoção do bem viver e qualidade de vida das mulheres negras, passando pela formação identitária construída em oficinas de vivência, que discutiram a estética fenotípica das mulheres em sua identidade social (velhice, mulheres com deficiências, maternidade, estética, saúde, violência contra mulher, machismo).

A pesquisa realizada conta com a forte participação do Projeto Afrocientistas da (UFU) do (NEABi PONTAL) trazendo a trajetória de mulheres negras que fazem parte do cotidiano dos bolsistas do projeto e os inspiram diariamente, com a campanha realizada pela Associação BAOBÁ. .

O que veremos a seguir é uma construção coletiva da micro biografias coletadas e autorizadas de mulheres negras que refazem Ituiutaba diariamente, sendo fonte de inspiração para mais mulheres negras.

Luciane Ribeiro Dias Gonçalves
Marcelo Vitor Rodrigues Nogueira
Maria Aparecida Auguto Satto Vilela

A MULHER QUE INSPIRA NOSSA CAMPANHA DE 2023

Winnie Samanu Lima Lopes

Iniciaremos este livro com a história da primeira mulher que inspira a realização desta edição do projeto. As trajetórias de mulheres negras em nosso país, são marcadas pelo racismo que, em consonância com os reflexos decorrentes destes, evidenciam a luta diária dessas mulheres, em busca dos seus direitos.

Winnie Samanu Lima Lopes, pós-doutoranda pelo Programa INOVA-Fiocruz (2021-2023), com o projeto intitulado "A trajetória da doença falciforme no cenário brasileiro: uma análise da rede de produção do conhecimento", doutora em Saúde da Criança e da Mulher pelo Instituto Fernandes Figueira da Fundação Oswaldo Cruz (IFF/Fiocruz) (2021), com período sanduíche pela Universidade de Coimbra (2019/2020). Mestra em Antropologia Médica pela Universidade de Coimbra (2013) e licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Goiás (2010). Além da docência, possui experiência como assistente de projetos pelo Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Cidadania, em projetos sociais voltados às comunidades remanescentes de quilombos e garantia de Direitos Humanos. Interesse e atuação nos temas: Saúde da população Negra, Doença Falciforme, Movimentos Associativos em Saúde e Antropologia da Saúde.

Afinal, para que de fato possamos construir uma educação transformadora, precisamos criar situações de aprendizagem que possibilitem aos sujeitos vivências e experiências que contribuam para aquisição de diversas habilidades, promovendo ainda, consciência crítica, entendimento sobre sua história e cultura e valorização de seus povos. (FERREIRA, 2021, p. 27).

MULHERES NEGRAS NA CULTURA

Maria Abadia, 37 anos, nascida no dia 05 de junho de 1985, mãe de quatro filhos, Thiago Daniel, Rayane Yasmin, Rayanne Yasmin, Hyago e Yago. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia, Campus do Pontal, Capitã do Terno Congo Real, função esta que herdou de sua mãe. É também Madrinha da Bandeira, herança de sua avó. Nascida em família congadeira atua na cidade de Ituiutaba como agente cultural da congada desde que nasceu.

Membro fundadora da Associação Congadeira Real, entidade criada a partir da atuação social de seu Terno de Congo, Maria Abadia leva a tradição como método de educação para as mulheres da bandeira de seu terno e para seus filhos.

Maria Abadia de Oliveira

Ivone Aparecida de Oliveira Almeida, nasceu em 13 de setembro de 1959 em Ituiutaba-MG. Mãe de cinco filhos, hoje se encontra aposentada, mas já trabalhou como lavanderia, boia-fria e merendeira na escola Tonico Franco. Nesta última descobriu que era cardiopata e, em virtude disto, foi trabalhar na secretaria da escola. Hoje, com 62 anos, é a Rainha de um grupo de congado chamado "Congo Real".

Ivone Aparecida de Oliveira Ameida

Estandarte do Congo Real

Geovana Ketleen Silva Santos, nascida no dia 08 de novembro de 2002, hoje com 20 anos, é integrante da Bandeira do Terno Congo Real, atualmente é aluna do curso Técnico no Senai.

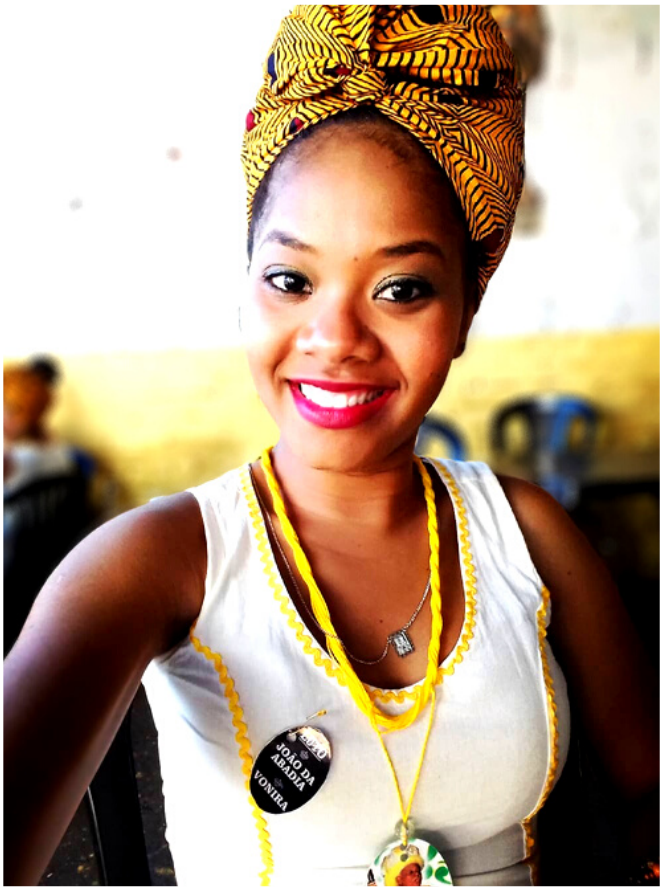
Membro fundadora da Associação Congadeira Real, foi integrante da primeira edição do Projeto Afrocientista no NEABi Pontal.

Geovana Ketleen Silva Santos

Marciana Lúcia da Costa Souza, 62 anos, nascida 28 de novembro de 1959, filha de Dulcineia da Costa e de Geraldo Clarimundo da Costa, fundador do terno Congo Camisa Verde. Mulher guerreira, pois sem ela o terno não seria como é hoje. Formada em Assistência Social, atuando notadamente na enfermagem, sua área de atuação por mais de quarenta anos. Atualmente, é aposentada e uma das Matriarcas do Terno de Congada Camisa Verde. Considera seu pai um homem a frente do seu tempo, levando sempre consigo o ensinamento passado por ele, de que não devemos abaixar a cabeça por sermos negros. Relembra a luta dele, por anos, que culminou na fundação da Irmandade de São Benedito e Fundação Zumbi dos Palmares. Para ela, seu pai é símbolo de luta e exemplo, pois mesmo sendo analfabeto ele fez questão de lutar pelas causas negras, transmitindo a ela e seus irmãos a mensagem para lutarem pelas mesmas causas.

Marciana Lúcia da Costa Souza

CONGADEIRAS



Thalita Ferreira de Oliveira, 28 anos, casada, natural de Ituiutaba-MG, atualmente reside em Uberlândia-MG. Participa do congado há 28 anos, sendo, atualmente, proponente de vários projetos culturais na cidade de Uberlândia. É madrinha do grupo Terno Congo Real, onde nasceu, e recebe de herança de seus avós Marina e João, e de seu pai, Anastácio. É também madrinha do Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Uberlândia-MG. Formada em Agronegócio pela UEMG, gosta e luta pelo papel da mulher dentro do congado e em todo meio cultural, considerando que a mulher tem um peso significativo no papel da sociedade, não diferindo no meio cultural. Evidenciar essa importância feminina é de grande valor.

Thalita Ferreira de Oliveira

Simone Maria da Costa Cândido, nascida em 16 de fevereiro de 1988, é madrinha do estandarte do Terno Catupé Capão de Ouro, mãe de dois filhos, Iara Maria e Mariano Luiz, que ela define como presentes de Deus. É cozinheira com muito orgulho com sua religião que é a Umbanda.

Simone Maria da Costa

Elaine Silva Santos, nascida no dia 10 de setembro de 1980, foi casada durante 18 anos. É mãe de três filhos, Pedro, Gabriele e Ariele. Já trabalhou como babá durante a juventude, e atualmente trabalha como doméstica. Faz parte das Madrinhas do Congo Real.

Elaine Silva Santos

Jackeline Aparecida Silva Alves, graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal de Uberlândia, mulher negra, mãe de três filhos, matriarca do Terno Congo Raízes de São Benedito.

Jackeline Aparecida Silva Alves

MOCAMBIQUE
CAMISA ROSA
ITUIUTABA

Compreende-se, dessa forma, que o papel das mulheres negras para a preservação da cultura congadeira é de significativa relevância, ao passo que são elas que imprimem ao grupo um caráter geracional de manutenção dos saberes e fazeres. Afirma-se que elas possuem um papel central na mediação das aprendizagens da comunidade na qual estão inseridas, e apesar das questões de gênero e raça que transversalizam e invisibilisam historicamente suas contribuições, elas seguem (re) existindo na busca por espaço e reconhecimento aos novos lugares de fala, demandando mudanças nas estruturas sociais vigentes. (SILVA, 2018, p. 61-62).

MULHERES NEGRAS E A RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA

FONTE: https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2023/01/06/dia-nacional-do-candomble-entenda-lei-sancionada-e-historia-da-religiao

Julie Anne Silva Souza, 33 anos, nascida no dia 1° de agosto de 1988, mãe de dois filhos, Sthefany e Tomás, possui curso de cabeleireira, e atualmente está cursando o Ensino Médio através do CESEC; atua há 6 anos como zeladora de um terreiro de Umbanda, que considera ser um dos momentos mais importantes da sua vida.

Julie Anne Silva Souza

Marilza Divina Santos, 54 anos, nascida no dia 15 de junho de 1968, solteira, cursou somente até a 7° série, atualmente 8° ano no ensino atual, e não deu continuidade aos seus estudos, vez que na década de 80 as dificuldades eram maiores, o que tornavam as prioridades diferentes, fazendo com que os estudos ficassem às margens. É mãe de três filhos e avó de dois netos, que são gêmeos. Possui ainda três filhos de coração, seus sobrinhos.

Atualmente trabalha como doméstica durante três dias da semana, e é integrante do terno de congada Congo Real. Frequenta o centro espírita e é mãe de terreiro. Possui muitas lutas e passou por muitas dificuldades, mas continuou sempre de pé e de cabeça erguida.

Marilza Divina Santos

Cimeia de OXUM, atualmente com 32 anos, mãe de cinco filhos, teve que abandonar seus estudos para cuidar e trabalhar para sustentar deles. Foi mãe sozinha até conhecer sua esposa, que a ajuda a criar seus filhos atualmente. Ela e sua esposa têm um terreiro de matriz africana há 3 anos. Considera uma das coisas que mais a deixa feliz, prestar a caridade na Umbanda e estar com seus filhos, tanto de sangue quanto de terreiro. Julga sua fase atual como a mais feliz de sua vida, pois está realizada como mãe, como esposa e como filha de Oxum. Para ela, as coisas mais marcantes da sua vida são:

- O nascimento dos seus filhos
- Se casar com a minha esposa
- Conhecer a Umbanda e descobrir que era filha de Oxum.

Cimeia Vasni Dias de Paula

Ao entrelaçar as representações e os contextos nos quais as mulheres negras estão inseridas, compreendemos a potencialidade e a importância da (re)construção do olhar sobre essas narrativas não verbais. Ao propormos a reflexão sobre os espaços ocupados e as funções atribuídas para as mulheres negras. Embora compreendamos que não se trata de um cenário geral que agrega todo o gênero - haja vista o fato de haver mulheres negras que tiveram ascensão social - acreditamos que seja importante perceber e refletir o processo de estigmatização e marginalização de grande parte desses sujeitos, a fim de criar novos discursos, possibilitando que ocupem outros espaços. (VIEIRA, 2017, p. 55-56).

MULHERES NEGRAS LGBTQIA+

Bruno Henrique de Oliveira Costa Carvalho, 21 anos, conhecida como Bruna Carvalho, nascida no dia 11 de janeiro, solteira, atualmente é graduanda do curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Teve contato com a cultura desde muito cedo, pois sempre escutava sua bisavó, Maria do Carmo, falar sobre a congada no Prata/MG, passando a ter contato direito com esta, através de seu avô e suas tias, intermédio da congada em Ituiutaba, onde sua mãe, tia e tio participavam. Aos 15 anos resolveu se afastar da congada, pois foi quando se assumiu gay, e mais tarde iniciou sua transição, e realmente se assumiu travesti. Nesse momento muitos da comunidade negra se afastaram, porém, Bruna Carvalho continua sempre na sua luta.

Bruna Carvalho

"O pessoal da orientação sexual não vai retroceder em suas lutas, as mulheres não vão recuar nas suas agendas; nós não vamos voltar para a senzala. E isso está colocado. Vai ter luta!"

Sueli Carneiro

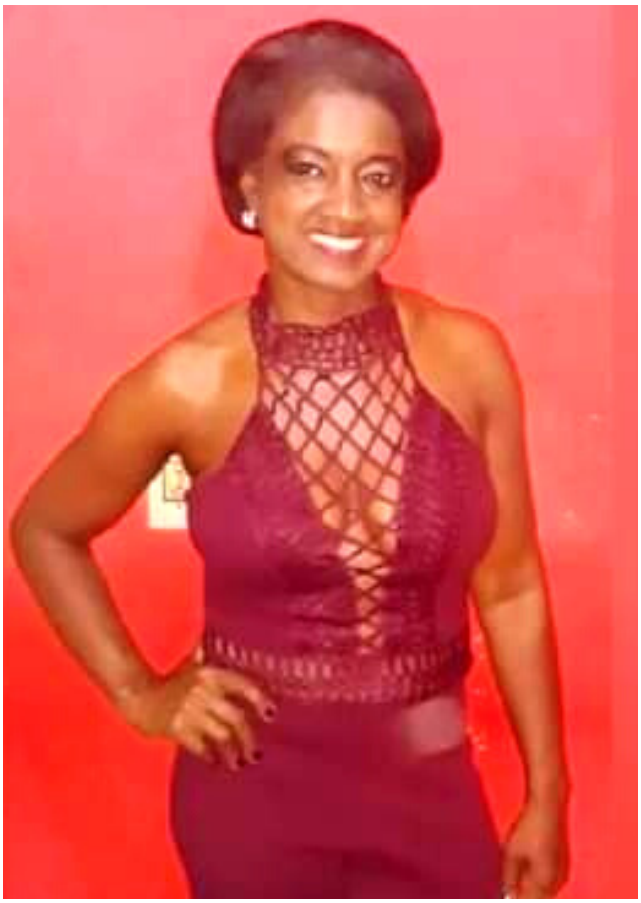
Os nossos ventres (mulheres negras) estão carregados da dor diaspórica: as partidas bruscas, as nãos despedidas, o não reencontro, a solidão, a violência física e mental, os abortos forçados ou os ocorridos de modo espontâneo devido ao racismo. Denunciaremos por meio da arte. Nos reverenciaremos por meio da arte. Celebraremos por meio da arte. E que o nosso combinado seja também de nos amar, de nos cuidar, corpo e psíquico. Somos resistência, resiliências, saberes, inteligência, dinamismos, cooperação e compreensão. Que professoras/es mantenham em suas aulas, independente da disciplina, a abertura para o debate sobre racismo e as violências sofridas por pessoas minorizadas, e que também contextualizem as pautas referente a Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, a qual respalda a abordagem da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, para além da mera confecção de cartazes referente ao dia 20 de novembro. O Dia Nacional da Consciência Negra, data escolhida por ser também o dia atribuído à morte de Zumbi dos Palmares em 1695. (NASCIMENTO, 2020, p. 120).

MULHERES NEGRAS +50

FONTE: FONTE: https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2023/01/06/dia-nacional-do-candomble-entenda-lei-sancionada-e-historia-da-religiao.htm

Adirce Maria dos Santos, militante do movimento negro na cidade de Ituiutaba, é professora aposentada, coordenadora do Grupo de Estudos Consciência Negra, e Presidente da Fundação Municipal Zumbi dos Palmares.

Adice Maria dos Sanrtos



Ana Cláudia Boaventura Chaves, nascida no dia 16 de setembro de 1970. Aos 22 anos se tornou mãe solteira e, diante disso, viu uma forma diferente de viver, porque já não estava mais sozinha, começando a trabalhar por dois, como empregada doméstica, profissão que mantém até agora, se orgulhando muito disto. Atualmente é mãe de dois filhos, considerando que seu esforço não foi em vão, tendo em vista que é avó de dois netos e vive em uma relação estável.

Só tem a agradecer a si mesma por nunca desistir, apesar de tantas barreiras. Se vê como uma mulher negra, pobre, com pouco estudo, mas que sempre vence intermédio de seu próprio jeito.

Ana Cláudia Boaventura Chaves,

Eulina Neta de Paula, nascida no dia 18 de agosto de 1962, em uma comunidade Quilombola na cidade de Piatã, no estado da Bahia, na região da Chapada Diamantina. Atualmente trabalha como lavradora, e é graduanda de licenciatura em Matemática na UFU. É viúva, mãe de cinco filhas, avó de dez netos e bisavó de três bisnetos, que residem em sua comunidade Quilombola.

Eulina Neta Paula

Professora da Rede Pública Municipal e Estadual, militante do Movimento Negro, sempre lutou por uma educação de qualidade antirracista e pela educação para as relações étnico-raciais em Ituiutaba.

Nilza Rodrigues Fidelis

Além da própria condição em que inexistem na sociedade, mulheres negras apresentam as realidades de forma paralela a uma história oficial omissa, expondo o seu real; servem como porta-voz para aquelas que não sustentam um lugar no conhecimento das letras e deixam claro que ser mulher negra, nas sociedades da diáspora, é – na perspectiva do branco – não gozar de privilégios, nem de representações positivas de sua raça ou gênero. Mesmo emudecidas, as vozes de seus pares, provam que é possível romper com esse estado de invisibilidade e que também são mães, criam seus filhos, apesar das adversidades sistêmicas; ocupam o lugar de heroínas e anti-heroínas e combatem a fome, a ignorância e a violência, vilãs que assolam suas famílias. (SOUZA, 2019, p. 67-68).

MULHERES NEGRAS NA EDUCAÇÃO

Ludimila dos Santos Oliveira, 39 anos, nascida no dia 04 de julho, é formada em Pedagogia pela UFU, e atualmente exerce a profissão como professora da educação infantil. É casada e tem uma filha.

Gosta de dançar e conversar, e considera uma das suas práticas de vida, a de estar com pessoas agradáveis para sorrir. Atualmente é acompanhante do terno de Congada Moçambique Camisa Rosa e acompanha o grupo de samba.

Ludimila dos Santos Oliveira

Rafaela Rodrigues Nogueira tem 34 anos, pedagoga, iniciou sua graduação em 2008. No decorrer de sua graduação, em 2010, ingressou no Programa de Educação Tutorial (PET) Reconectando Saberes, sendo que o ingresso no programa representou um divisor de águas em sua formação, além da construção de um pertencimento identitário. Se tornou uma profissional mais consciente do preconceito, discriminação e racismo presentes em nossa sociedade e da importância dessa desconstrução no espaço da escola. Em 2013, concluiu a graduação e posteriormente iniciou seu mestrado em 2014, como pesquisadora da educação para as relações étnico-raciais, vendo nessa área de pesquisa uma oportunidade de contribuir com uma sociedade mais equânime e ampliar as pesquisas em relação à temática. Ao concluir o mestrado em 2016, ingressou no doutorado no ano de 2017 e com a formação em relação à educação para as relações étnico-raciais, deu-se também seu crescimento e amadurecimento como pesquisadora no campo educacional, suas pesquisas partiram de um contexto micro, analisando sua cidade natal, para a análise do seu estado, visando a apreciação de um elemento ou documento muito importante no contexto educacional, o currículo, documento que norteia a

Políticas públicas. Atualmente é uma doutora em educação, professora atuante na educação infantil e supervisora pedagógica, que sabe que todo o processo e progresso que conseguiu, foi realizado há muitas mãos, sua família, seus professores e todas as pessoas que partilharam consigo sua trajetória acadêmica e pessoal.

Rafaela Rodriges Nogueira

Pedagoga em formação pela Universidade Federal de Uberlândia, militante do movimento negro pelo direito das Mulheres Negras na cidade de Ituiutaba-MG, e membro do grupo As Chimamandas.

Cristina Rosa

Afinal, para que de fato possamos construir uma educação transformadora, precisamos criar situações de aprendizagem que possibilitem aos sujeitos vivencias e experiências que contribuam para aquisição de diversas habilidades, promovendo ainda, consciência crítica, entendimento sobre sua história e cultura e valorização de seus povos. (FERREIRA, 2021, p. 27).

MULHERES NEGRAS AFROEMPREENDEDORAS

Flávia Anastácia Rocha Nascimento, 37 anos, casada, mãe de três filhos, Rayany Graziele, Rayson Gabriel e Emmanuel Henrick, atualmente é cabeleireira. Mulher forte, sempre batalhadora, e tudo o que tem hoje foi com muita raça e persistência para chegar onde chegou, sendo grata à Deus por tudo o que Ele a proporcionou na vida.

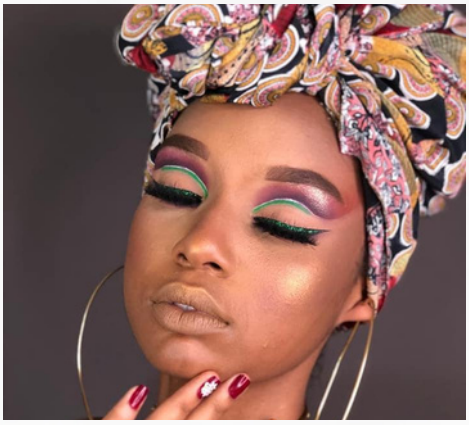
Flávia Anastácia Rocha Nascimento

Isa Cláudia Paulino, 33 anos, residente da cidade de Ituiutaba, casada com Paulo Antônio, mãe de dois filhos, Emanuelly e Hendrick Lucas. Atualmente é micro empreendedora na área da beleza, onde trabalha com vários métodos de tranças africana e vendas de cabelos para realização das tranças. Antes de abrir sua empresa trabalhava com vendas em uma loja de embalagens, por onde trabalhou por 7 anos, até que um dia surgiu a ideia de abrir seu próprio negócio. Iniciou-se no mundo das tranças, trançando seu próprio cabelo, vez que não conseguia comprar os materiais, em sua cidade, para realização das tranças, até que, em parceria com uma trancista local, a consulta sobre a venda de cabelos, o que a ajudar com suas clientes. Daí, surge a ideia de parceria entre as duas, que culminou na abertura de um salão, que hoje realiza vários trabalhos de tranças africanas em Ituiutaba.

Isa Cláudia Paulino

Anna Clara Guimarães Silva, 18 anos, nascida no dia 07 de fevereiro de 2004, empreendedora, atualmente trabalha como trancista e modelo beauty (modelo de maquiagem), atual miss teen Ituiutaba-MG 2023.

Anna Clara Guimarães Silva



Compreendemos que o processo nacional de movimentação das mulheres negras, ganham adeptas, e devagar regionalizam e recebe novos contornos, próprio de cada região. Partilhar da troca de experiência dessas mulheres é assinalar um passado comum a todas nós, histórias do lidar com o cabelo crespo que se assemelham, que carregam traumas, que passa pelo enquadramento padrão do alisamento, e com a mudança social, se permite novas ações, assumem a beleza natural. Se tivéssemos que datar e mapear onde essa movimentação começou, por quem, acredito tratar de dados impossíveis de mensurar, mas a certeza que prevalece é que as mulheres negras em conjunto se ajudaram, conseguiram efetivar a conscientização de uma estética marginalizada, e fortalecer uma estima negra de autoconhecimento e aceitação. (SILVA, 2016, p. 108).

MULHERES NEGRAS FAZEM O MOVIMENTO SOCIAL

Cristina Andréa Silva, 44 anos, nascida no dia 27 de julho de 1977. Sempre dispendeu seus esforços no trabalho para poder dar uma vida melhor aos seus filhos. Trabalhou durante 10 anos em uma fábrica de cigarros, fez cursos de manicure, depilação e designer de sobrancelha. Já atuou como doméstica, e atualmente trabalha como varredeira na cidade de Ituiutaba.

Cristina Andréa Silva

Wilza José do Nascimento, nascida dia 28 de maio de 1981, natural de Ituiutaba, casada, mãe de 3 filhos, Wendel Filho, Kauã Lucas e João Victor, mulher guerreira que sempre lutou pela sua família.

Wilza José do Nascimento

A realização deste projeto foi um dos grandes motivadores do Encontro de Mulheres Negras do Pontal, contribuindo para a luta das mulheres negras da cidade de Ituiutaba-MG.

O cabelo crespo, antes objeto de insatisfação por homens e mulheres negras, agora é visto no sentido de uma revalorização da beleza negra. Isso se deve muito ao movimento negro, como mencionado anteriormente, e também a todas essas manifestações que exaltam a cor negra e o cabelo afro como marca identitária e apresentaram êxito, bem como outras iniciativas que obtiveram avanços no que tange, por exemplo, à Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e de Cultura Afro-brasileira nas escolas públicas e privadas, na criação dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros (NEABS), nas ações afirmativas, cotas nas universidades e concursos públicos, nos materiais didáticos, na mídia, enfim, numa infinidade de processos de lutas e conquistas que permitiram a valorização da identidade negra. (COSTA, 2022, p. 99).

REFERÊNCIAS

COSTA, C. A. O. da. Juventude negra, educação e exclusão: um estudo sobre o racismo cotidiano. 2022, 164 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

CALIXTO, L. C. da. "Sou Maria Vanúbia, Não Sou Bagunça": Representação da Mulher negra na telenovela Salve Jorge (2012-2013). 2021. 75 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

FERREIRA, L. R. Tranças afro: identidade feminina negra e cultura visual no ensino fundamental. 2021. 29 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

NASCIMENTO, R. B. Narrativas Femininas: interfaces entre educação, vivências e fotografia: gênero, raça e empoderamento. 2020. 146 f. **Dissertação** (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

SILVA, I J. da. Saberes e fazeres de mulheres negras: Construção e manutenção da cultura em um terno de congada do Triângulo Mineiro. 2018. 73 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2018.

SILVA, P. F. Movimento de mulheres negras: análise das relações raciais pelas perspectivas dos cabelos crespos. 2016. 119 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

SOUZA, A. R. M. de. Carolina Maria de Jesus e Clareece Precious Jones: diários e resistência. 2019. 132 f. **Dissertação** (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. DOI https://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.402

VIEIRA, A. S. Sob peles negras: imaginário, repressão e representação visual de mulheres negras no Brasil dos séculos XIX e XX. 2017. 151 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Artes Visuais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

Biodata Organizadores

LUCIANE RIBEIRO DIAS GONÇALVES - Realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Coimbra - Portugal, no Centro de estudos Sociais - CES/UC (2015-2016). É doutora em 181 Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2011) - UNICAMP, mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU (2004) e graduada em Matemática pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG (1987), graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG (1997). Atualmente é professora adjunta no Instituto de Ciências Humanas do Pontal - ICHPO / UFU, no curso de Pedagogia. Atua na formação inicial de professores na graduação em Pedagogia, ministrando disciplinas como Estágio Supervisionado, Movimentos sociais e gestão, Prointer Matemática e EJA. Atuou na formação continuada por meio de atividades da Rede Nacional de Formação de Professores - RENAFOR.

MARCELO VITOR RODRIGUES NOGUEIRA - Graduado em Licenciatura em Matemática pelo Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) (2021) Mestrando no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenador do Projeto Afrocientista (2019/2021). Coordenador do Núcleo de estudos afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal de Uberlândia (NEABi/UFU) desde (2018). Integrante do Núcleo de estudo e pesquisas sobre educação para as relações raciais e ações afirmativas da Universidade Federal de Uberlândia (NEPERE/UFU) desde (2017). Vice-presidente da ONG Vânia Lafit (2020). Presidente da Associação BAOBÁ (2020).

MARIA APARECIDA AUGUSTO SATTO VILELA - Possui mestrado e doutorado em educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. É professora do curso de Pedagogia, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal – ICHPO, da Universidade Federal de Uberlândia. Coordena a Divisão de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial – CEPAE e é membra do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e indígena – NEABi Pontal. Realiza pesquisas na área da educação inclusiva, educação especial, diversidade, diferença e relações étnico-raciais.

Galeria de Colaboradores

Ana Laura Boaventura Santos

Artur Pereira de Oliveira

Edima Euripedes Ribeiro Dias

Fabiano Nogueira do Nascimento

Guilherme Henrique S. Santos

Herlan Oliveira Matildes

Humbert Yan Alves

Isabella Cristina Teles Lopes

Luiz Gustavo de Souza Araújo

Rayanne Yasmin Oliveira Costa

Thiago Daniel Oliveira Costa

Thaynara Apd. B. de Oliveira

REALIZAÇÃO

Associação BAOBÁ
Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas
Projeto Afrocientista
Projeto Njinga

FOTOGRAFIA

Duda Beats
Arth Silva
Thales Freitas

APOIO

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC UFU)
Diretoria de Fomento a Cultura (DIFOC)
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação para as Relações Étnico-Raciais e Ações Afirmativas (NEPERE)
ONG VÂNIA LAFIT
Fundação Municipal Zumbi dos Palmares (FUMZUP)
Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN)
CONNEABS
UNIBANCO

REALIZAÇÃO

*ARTUR PEREIRA DE OLIVEIRA * THAYNARA APARECIDA B. DE OLIVEIRA * ANA LAURA BOAVENTURA SANTOS * ISABELLA CRISTINA TELES LOPES * EDIMA EURIPES RIBEIRO DIAS * FABIANO NOGUEIRA DO NASCIMENTO * LUCIANE R. DIAS GONÇALVES * LUIZ GUSTAVO DE SOUZA ARAÚJO * HERLAN O. MATILDES* MARCELO VITOR R. NOGUEIRA * MARIA APARECIDA AUGUSTO SATTO VILELA*

NEABi Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e indígenas – Pontal
NEPERE Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Educação para as relações raciais e Ações Afirmativas
AFROCIENTISTA
ASSOCIAÇÃO BAOBÁ
EDITORA BAOBÁ